

A TOXICIDADE DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DA MULHER

THE TOXICITY OF FAIRY TALES ON WOMAN'S DEVELOPMENT

Gabriel Souza Santos¹, Nayara Souza Kurata², Monique Joana Dárc Alves Garcia³

¹Acadêmico do curso de Graduação em Psicologia, Faculdade de Educação de Jarú-FIMCA-UNICENTRO, e-mail: souzagabriel356@gmail.com, <https://lattes.cnpq.br/3888027848310574>; ²Acadêmica do curso de Graduação em Psicologia, Faculdade de Educação de Jarú-FIMCA-UNICENTRO, e-mail: kuaratanay@gmail.com, <https://lattes.cnpq.br/6360871861324748>; ³Professora Orientadora da Faculdade de Educação de Jarú, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional com ênfase em Atendimento educacional especializado (FASA), Atendimento ambulatorial de pessoas com autismo (FAEL), Neuropsicopedagogia Institucional e atendimento educacional especializado (Censupreg), Metodologia e Didática do Ensino Superior (FIMCA-JARU), Graduada em Psicologia pelas Faculdades Associadas de Ariquemes (FAAr), e-mail: prof.monique@unicentrro.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/7736012801028203>.

DOI: <https://doi.org/10.37157/fimca.v11i1.798>

RESUMO

Introdução: As mulheres desde a infância são incentivadas pelas leituras dos contos de fadas a criarem a idealização de um romance advindas das histórias destes contos em que se naturaliza os relacionamentos como perfeitos e tendo como prêmio para perfeição o casamento dos sonhos e o famoso "príncipe encantado" em que tal idealização tende a influenciar suas escolhas e crenças. **Objetivo:** A pesquisa tem como objetivo demonstrar como os contos de fadas influenciam culturalmente o feminino na internalização do romance ideal imposto pelo machismo patriarcal. **Materiais e métodos:** A presente pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, de cunho qualitativo em que se utilizou de fontes de pesquisas de revisões bibliográficas em artigos, livros, teses e dissertações extraídas das principais plataformas de pesquisas que continham a temática de acordo com o presente tema. **Resultados e discussões:** Nota-se que o grupo mais afetado por este padrão estereotipado é o sexo feminino, já que a sociedade impõe uma conduta moral a essas meninas desde a infância em que por vezes o patriarcado delimita a figura da mulher ditando por onde ela deve passar, o que deve fazer e assim controla seu comportamento e os papéis que esta deverá exercer socialmente. **Conclusão:** Considerando os dados obtidos foi possível observar que a mulher é influenciada pelos contos de fadas, e ainda culturalmente pelo seu meio e crenças onde está inserida, e assim passa a agir de acordo com a cultura e o que esperam dela.

Palavra-chave: Mulher, crenças, cultura, patriarcado, desenvolvimento.

ABSTRACT

Introduction: Women from childhood are encouraged by reading fairy tales to create the idealization of a romance arising from the stories of these tales in which relationships are naturalized as perfect with the prize for perfection being the dream wedding and the famous "prince enchanted" in which such idealization tends to influence their choices and beliefs. **Objective:** The research aims to demonstrate how fairy tales culturally influence the feminine in the internalization of the ideal romance imposed by patriarchal machismo. **Materials and methods:** The present research was carried out through a bibliographic review, of a qualitative nature, in which research sources from bibliographic reviews were used in articles, books, theses, and dissertations extracted from the main research platforms that contained the theme by the present theme. **Results and discussions:** Note it is clear that the group most affected by this stereotypical pattern is the female sex since society imposes moral conduct on these girls since childhood when patriarchy sometimes delimits the figure of a woman by dictating where she should go, what must do and thus controls their behavior and the roles they must play socially. **Conclusion:** Considering the data obtained, it was possible to observe that women are influenced by fairy tales, and also culturally by their environment and beliefs in which they are inserted, and thus begin to act under the culture and what they expect from them.

Keywords: Woman, belief, culture, patriarchy, development.

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão trata sobre uma problemática que atravessa gerações, a mulher vem de um enredo patriarcal, criado por homens e para homens. Essa construção sócio-histórica está enraizada nos costumes, tradições e meios de comunicação. Logo, abordaremos os contos de fadas como exemplo da contribuição cultural que a feminilidade estereotipada vem sendo mantida até a atualidade.

Vemos que a idealização de romance vem influenciada pelos contos de fadas que são inseridos desde a infância da mulher, naturalizando os relacionamentos perfeitos, a vida perfeita, e o prêmio para perfeição sendo o casamento dos sonhos e o famoso "príncipe encantado". Nota-se que o grupo mais afetado por este padrão estereotipado é o sexo feminino, já que a sociedade impõe uma conduta moral a essas meninas desde a infância.

No qual os contos, sempre terminam com "Felizes para Sempre", logo após as princesas serem salvas por um belo príncipe para se casarem, no qual este sempre acaba sendo seu destino final.

O fator histórico de forma infeliz, contribui para essa realidade, pois o homem tradicional e geralmente machista impõe seus desejos sobre a mulher, a limita e ainda lhe cobra serventia, e até mesmo buscando eliminá-la de sua importância para evolução humana. Sempre calada, silenciada, a mulher é colocada na espiral da feminilidade perfeita.

O esperado de perfeição é a mulher ser boa mãe, boa esposa, ser

feminina, delicada e vulnerável, sempre à espera de alguém para salvá-la, sendo validada pela sociedade somente quando é escolhida em matrimônio.

Por vezes o patriarcado, delimita a mulher por onde ela deve passar, o que deve fazer e assim controla seu comportamento e até mesmo pensamentos.

A HISTÓRIA DA MULHER X PATRIARCADO

Durante a colonização a mulher era vista como exótica, sendo reduzida a um conceito de "não-função" para a evolução humana. Na questão do casamento não tinha escolha pelo amor ou paixão de sua vida, pois o casamento na idade média, era organizado pelo pai da noiva e pela família do seu futuro marido, sendo realizado os acordos e contratos de casamento baseados nos dotes que beneficiasse a família da noiva. A mulher mais uma vez era limitada a um acordo, sem direito de escolha, uma jogada, onde se pensava na família de modo geral e não a vontade da mulher que estava sendo entregue ao matrimônio (SILVA et al, 2005).

A medicina por sua vez teve o papel de persuadir a mulher a acreditar que sua única vocação era a de maternidade, de ser a única possível a dar amor e cuidar dos filhos (RAGO, 2011). E assim, difundiu-se através da medicina que o amor materno era um sentido inato, puro e sagrado, tudo para que a mulher pudesse se sentir ainda mais culpada caso ela não quisesse ter filhos ou até mesmo se envolver em atividades que não fosse o padrão da época (RAGO, 1985).

Enquanto a mulher era colocada em um lugar de "não-função" o

homem recebia um lugar de superioridade, sendo ligada constantemente ao pecado original pregado pela igreja em que a mulher sempre era reduzida, marginalizada, e apagada da história da construção da sociedade (SILVA et al, 2005).

O papel da esposa, era de servir, de ser quem mantém a organização dessa casa, enquanto o marido deveria conservar de forma a honrar um código, a fim de preservar os bens e a honra da família (SILVA et al, 2005).

Baseado em Silva e cols (2005, p.9).

[...]o modelo cultural básico da antropologia do mediterrâneo definiu o binômio categorial “honra / vergonha”, de acordo com o qual, o homem mediterrâneo tinha que conservar a honra, entendida como estima, respeito e prestígio. Este código moral afirma no homem valores como a defesa da posse de bens, a lealdade, a proteção da família, a garantia de reputação social e profissional. Nele a mulher devia gerir a casa, tê-la limpa, cuidar do esposo e dos filhos, ser recatada, ir à missa e ser decente.

É somente no século XVIII que se dá início ao amor romântico em que se rompe com a ideia de que o casamento tem uma única finalidade de procriação ou de um jogo de interesse entre famílias. Com esse rompimento, o casamento começa a tomar um formato mais romântico, fazendo assim o casamento ter importância (SILVA et al, 2005).

Neste sentido, Silva e cols (2005), descreve que a procriação deixa de ser a finalidade principal do casamento, e os propósitos econômicos e psicológicos do casal passam a ser os objetivos centrais.

Encontramos relatos da mulher inserida no trabalho, somente por meados da segunda guerra mundial, em que esse acontecimento histórico fez com que a mulher saísse de seu papel de mantenedora do lar para ir às fábricas trabalhar, já que grande parte dos homens foram convocados para servir seus países na guerra (SILVA, 2016).

Sendo parte importante para a construção econômica do país, enquanto a mão de obra masculina estava escassa, a mulher ocupa o lugar dos homens nas fábricas e principalmente em trabalhos ditos femininos (SILVA et al, 2005).

Silva (2016) nos traz a reflexão de que a mulher sempre é colocada em um papel secundário sofre com isso até na conquista de poder trabalhar, a conquista do trabalho só aconteceu devido acreditarem na falta de mão de obra masculina na época.

A reflexão segue dizendo que essa secundarização da mulher ocorre devido a desestruturação familiar, quando o homem que é o provedor está ausente. Essa secundarização também ocorre quando a mulher ocupa apenas funções domésticas em seu trabalho, função essa que é colocada como a única que ela está apta (SILVA et al, 2005). Todavia, logo após a reestruturação das condições econômicas, essa mesma força é mandada de volta ao seu lugar de origem - nas atividades domésticas, de cuidado e de reprodução (SILVA, 2016).

A autora RAGO (2011), em sua obra diz que economistas e teóricos acreditavam que a ida da mulher além dos afazeres domésticos poderia trazer destruição para sua família, já que a mesma no ideal masculino era responsável por manter os laços familiares e a educação correta dos filhos.

O patriarcalismo é um sistema que se entranhou sobre as várias esferas da sociedade, se caracteriza por uma figura masculina que coloca sobre mulheres, filhos e família toda sua autoridade (BARRETO, 2004).

Esse autoritarismo vem moldando principalmente as relações entre homens e mulheres e permeando todo um ambiente que ela

esteja inserida ou em busca de moldar seu comportamento (BARRETO, 2004).

Assim o patriarcalismo resulta em uma estrutura da sociedade, com reforços institucionais, marcando relacionamentos e personalidade e trazendo consigo violência (BARRETO, 2004).

O passado que ainda se repete quando olhamos para a criação do patriarcado, nos mostra que homens têm direitos sobre as mulheres, como se fosse um recurso que o homem adquire, como uma conquista de terras.

Voltando ao segundo milênio a.C. vemos que as filhas eram vendidas para casamentos ou prostituição em prol de ajudar sua família com o dinheiro de sua venda, o que também era controlado pelos homens era o preço. Esse mercado de venda de filhas que eram usadas para ser auxílio para suas famílias é a prova de como o homem via a mulher como uma propriedade (LERNER, 2019).

Os homens sendo o dominador dos meios de produção podem assim dominar quem não os tinha. Esses detentores adquiriam os serviços sexuais femininos sendo elas da própria classe ou das subordinadas (LERNER, 2019).

O patriarcalismo oriental abrangia a poligamia podendo o homem ter seus haréns, já o patriarcado da antiguidade clássica se matinha em uma estrutura monogâmica, esse modelo mostra que mesmo com suas diferenças a mulher era sempre colocada em desvantagem (LERNER, 2019).

A violenta dominação que o patriarcalismo tem na sociedade moldou a construção da identidade da mulher. Com essa visão de propriedade que o homem tem sobre o feminino a sua liberdade sexual também se tornou parte desse sentimento de propriedade (LERNER, 2019).

É por meio de muita luta, que se criou as condições necessárias para que mulheres enfim pudessem se emancipar. Com a transformação dos seus pensamentos e sua consciência sobre ela mesma foi o passo para a mudança (LERNER, 2019).

A internalização que o patriarcalismo trouxe para a mulher deixou atrasos para seus avanços na sociedade e na conquista de seus espaços sociais, em que é possível perceber que a mulher é refém da internalização do patriarcalismo a qual foi moldada, em que por milênios vem participando da construção do seu papel de subordinada e omissa. Esse papel de reforçar sua subordinação é característica da prisão psicológica que essa mulher vive ao se enxergar como inferior (LERNER, 2019).

Essa estrutura trouxe a percepção de que estamos lidando muito mais com a construção masculina do homem sobre a mulher do que com sua própria percepção de operação social (RAGO, 2011).

No entanto, com a revolução sexual, veio a emancipação da mulher, essa mudança traz a ela revolução para os campos de sua vida que antes era extremamente restrito a gerar e criar filhos e manter a casa limpa e organizada (SILVA, 2005).

OS CONTOS DE FADAS E O REFLEXO NA VIDA REAL

A construção da mulher nos contos de fadas, vem de uma concepção de mulheres boas, que quando se comportam conforme o esperado, recebem seus prêmios, já as que saem deste padrão, só lhes acontecem coisas ruins (REIS, 2014).

Assim como constatar nos contos de fadas:

Os personagens estudados, princesas belas, virtuosas, honestas e piedosas, terão como prêmio o príncipe encantado; as que desobedecem ao modelo de virtude são condenadas. Os dois tipos de princesas estão nos contos: as

delicadas, belas, fiéis... (sempre terminam bem) predominam, mas há exemplos de princesas perdidas, vingativas e más (que sempre tem um fim horrível), cujas intenções são matar, mutilar ou despojar os pretendentes. Também encontramos fadas, boas e más, madrastas e bruxas, que mais adiante abordaremos sobre elas (REIS, 2014, p.17).

Os contos de fadas retratam a vida do ser humano em sua essência, utiliza-se da ludicidade, para transpassar gerações e de forma simples trazer à tona psicologias, antropologias e socialismos (REIS, 2014).

Seguindo essas vias, as narrativas usam a fantasia, a imaginação, o faz-de-conta, o lúdico, a diversão, a brincadeira, dando-nos a impressão de que a compreensão de certas verdades humanas se torna mais clara e evidente fazendo com que a história sobreviva ao tempo e tome-se universal. Contos de fadas fazem parte de um patrimônio que é comum a todos os seres humanos que os vem preservando por tempos imemoriais e todos e cada um de nós nos sentimos com direito a ter um pedaço desses contos, que diferentemente de acervos materiais, quanto mais se dividem, mais crescem, constituindo-se em referências culturais comuns a todos nós (REIS, 2014, p.15).

Afinal, qual a contribuição dos contos de fadas para a vida? Os contos de fadas demonstram o que se passa na mente, apresentando formas de lidar e até mesmo soluções as vivências internas que cada um tem, por se tratar de um conhecimento humano produto da imaginação.

Os contos lidam diretamente com questões como a existência, os problemas relacionados ao desenvolvimento humano, mas de certa forma, nos instiga a superação, a coragem de encarar os problemas, como em muitos contos, onde o príncipe precisa enfrentar um dragão ou a princesa a combater com uma bruxa, no fim das contas, os contos são sobre nós (REIS, 2014).

Os contos que são iniciados pela expressão “Era uma vez”, a fim de alertar o leitor sobre o fato de o tema narrado não se referir ao tempo e espaço presentes; possuem personagens e situações que fazem parte do universo individual e cotidiano do ser humano (conflitos, medos e sonhos), fazendo com que a rivalidade entre gerações, a convivência entre pessoas, a transitoriedade da vida (nascimento, crescimento, velhice e morte) e sentimentos individuais (amor, ódio, inveja e amizade) sejam apresentados como uma forma de oferecer explicação para os conflitos do mundo em que vivemos e como um meio de criar formas de lidar com eles (REIS, 2014, p.30).

Segundo Cimetta e Leão (2019) argumentam que tudo na sociedade, a sexualidade é parte de um constructo social, ao qual segue padrões comportamentais e crenças que foram criadas ao longo da história, entretanto a sexualidade engloba também outras vertentes como aspectos socioculturais, políticos, econômicos e religiosos. Já os contos de fadas, são frutos da tradição oral e carregam em seu interior culturas de todos os cantos, se tornando uma relíquia de muitos povos.

Sobre a relação entre os contos de fadas e a sexualidade de acordo com Cimetta e Leão (2019, p.196), compreende-se que:

A sexualidade é construída a partir de padrões de comportamento e costumes da humanidade ao longo da história, e por diversos fatores resulta em sua liberação ou repressão. Os contos de fadas por sua vez, provenientes da oralidade e recontados ao longo dos séculos colocam as mulheres constantemente de forma inferior perante os homens, naturalizando a vulnerabilidade feminina.

Conforme as contribuições de Pereira e cols (2019) os contos de fadas não se tratam somente de histórias imaginárias, mas também de narrativas que percorrem e quebram barreiras

mundiais, que trazem encantamento aos infantes e adultos que ouvem e partilham essas histórias, mas existe um porém dentro deste contexto, a grande maioria dos contos de fadas escondem por trás padrões de beleza, estereótipos, sentimentos e comportamentos, que acabam sendo vistos como usuais aos seres não inanimados, trazendo para a vida real uma cultura muitas vezes patriarcal.

Conclui-se que contos de fadas, como “Cinderela”, em que são disseminados hierarquias, prestígios, lugares diferenciados entre os seres humanos, agravados pelas condições de raça e classe, vigentes na realidade concreta ocidental capitalista, são potentes instrumentos de naturalização de um conjunto de desigualdades sociais, que contribui para a exploração, subalternidade e humilhação de minorias sociais, a exemplo das mulheres (PEREIRA et al, 2019, p. 341).

As histórias contadas por diversas gerações, podem parecer “velhas” no momento atual na era digital e moderna. Mas ao adentrar o mundo imaginário, os contos de fadas não deixaram de existir, são contados de forma diferente, um enredo adaptado ao novo tempo, mas ainda assim, continua propagando a mesma história. Um dos contos de fadas mais famosos é o da Cinderela, a princesa que transpassa gerações ao perder seu sapatinho de cristal após uma dança com o príncipe e à meia-noite volta a se tornar a gata borralheira, deixando apenas aquele pequeno sapatinho de cristal (PEREIRA et al, 2019).

E assim emerge Cinderela na condição de mulher branca, bela, educada, frágil, bondosa, comportada, órfã de pai e de mãe, sem condições para contestar a situação inferiorizada (de trabalho duro, sem reconhecimento ou remuneração), imposta pela madrasta e irmãs. Seus sonhos resumiam-se à espera de um príncipe que a libertasse para que, enfim, tivesse um final feliz (PEREIRA et al, 2019, p. 343).

Com isso, podemos questionar será que o enredo visto pelas mulheres em toda sua infância, adolescência e por vezes fase adulta, foi favorável ao seu entendimento de relacionamentos, comportamentos e condutas? Os contos já demarcavam na mente das crianças de forma lúdica, estereótipos, classes, dominação de gênero, simbolismos e padrões de beleza. Demonstrando que o perfil aceito pela sociedade da boa mulher ganhava o tão sonhado prêmio do casamento, já o contrário, no caso das madrastas, bruxas e afins, tinha fins terríveis, já que eram intituladas como “feias” ou fora dos padrões aceitos pela sociedade daquele reino. E assim, é ensinado aos leitores, qual padrão seguir, as regras e quem ganhava no fim era sempre o bem (PEREIRA et al, 2019). Continuando na visão do conto da Cinderela, como descrito abaixo por Pereira et al., (2019), temos o protagonista e salvador de todos “o homem”, visto como objeto de desejo de todas as mulheres, um protetor que trará alívio ao sofrimento da jovem moça, a propondo um belo matrimônio.

E o padrão deste príncipe encantado, qual será?

Sendo assim, ainda que exercendo o papel de protagonista, a mulher, no caso a “Cinderela” possui um lugar secundarizado em relação ao homem, o príncipe da estória, que não só a livrará dos desígnios maléficos de seus familiares, como a desposará, coroando-a princesa. Dominador nobre e bravo que também possui um estereotipo de padrão de beleza (branco, alto, jovem e ter olhos azuis, cabelos lisos) e de reputação ilibada, pois, na condição de homem necessita ter força, coragem, exercendo um papel quase sempre de herói e viabilizador da “salvação” na “jovem donzela” que, de acordo com a estrutura do conto, encontra-se, como já descrito, inicialmente em uma situação de sofrimento, angústias (PEREIRA et al, 2019, p.344).

Um importante fator a se ressaltar, é que nessas estórias existem um lado mal, não aceito e subjugado, o que para o leitor pode trazer alguns malefícios, já que se na vida real não se encaixa nos padrões de beleza, pode passar a ser visto como um vilão ou alguém que não pode ser protagonista da sua própria história, além do fato, da ênfase ao matrimônio como ganho principal das mulheres (PEREIRA et al, 2019).

Ao tratarmos do sujeito-mulher, deparamo-nos com um sujeito marcado por discursos patriarcais que ainda não lhe permitem relações igualitárias, antes refletem e mascaram situações de preconceito explícito e implícito nas diferentes práticas sociais, destinando a elas submissão. Entretanto, é inegável que mudanças foram conquistadas ao longo da história e que possibilitam - pelo menos a algumas - vidas mais dignas. Portanto, pode-se concluir que, aos poucos, o sujeito-mulher conquista seu espaço e sua voz ecoa, quebrando silêncios seculares (GAELZER et al, 2020, p. 71.770).

O crescimento da mulher é nítido, mas a história demonstra que ela não nasceu submissa, mas se tornou conforme o tempo, as regras, o domínio da sociedade pelos homens, que conquistaram os cargos políticos de renome, e a mulher ficou responsável pelo lar, a vida privada, a família, os filhos, o marido, sempre sob o comando de um homem. Pensar em mudar essas regras era trair a própria natureza, não cabia a elas, até foram chamadas de bruxas em alguns recortes da história, restando apenas as fragilidades e os sentimentalismos (GAELZER et al, 2020).

Ao tratarmos questões relacionadas ao papel social da mulher, percebemos que esse papel é parte constitutiva das relações sociais, dominadas pelo universo masculino que as estereotipam; homens, como fortes, bravos, corajosos e protetores; e as mulheres, frágeis, submissas e meigas, em busca de príncipe encantado, para consolidar seus destinos: o casamento e a maternidade. Esses discursos naturalizam desigualdades sociais e dificultam seus enfrentamentos e rupturas. Parte da práxis da resistência ao discurso de submissão e inferiorização feminina pode ser desencadeada na escola. Nesta perspectiva, é pertinente trabalhar a leitura dos discursos (sejam eles escritos ou orais, literários e técnicos, verídicos ou fictícios) para além da decodificação e propiciar a interlocução de sujeitos, textos e condições sócio-históricas, cujos efeitos de sentidos, imbricados nas esferas sociais, possam apontar em outros/diferentes “finais” daqueles que, infelizmente, ainda vemos acontecer (GAELZER et al, 2020, p. 71.685).

Ao trazer a luz esta temática relevante, é possível que o leitor compreenda a trajetória advinda da construção da mulher, os impasses existentes em sua história e protagonismo atual em que as mulheres estão inseridas. Mas por trás de toda sua luta, ainda existe um patriarcado que enraíza o discurso de toda uma sociedade, proveniente de um passado e ainda presente, feito por homens e para homens. Sendo a mulher uma aguerrida dando seu grito de liberdade em pleno século XXI, mesmo assombrada pela velha “costela de Adão”, não deixando que as pedras no caminho, lhes impeçam de mudar a história e trajetória da mulher moderna (PEREIRA, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, o assunto abordado no artigo em questão trouxe à tona uma temática que causa desconforto em alguns leitores, visto que a grande maioria das pessoas na nossa sociedade vê uma normalização no comportamento feminino de se inferiorizar. Desde os primórdios a cultura traz histórias como a de Adão e Eva, sendo Eva proveniente de uma costela masculina. Quando adentramos os contos de fadas observamos as mulheres da estória sempre à espera de uma salvação ou até mesmo

correndo risco de vida, e como normalmente contado um “belo príncipe” é sua salvação.

No entanto, o artigo não se trata de uma crítica aos contos de fadas, mas refere-se a um enredo que visa demonstrar que desde a infância as mulheres estão inseridas neste contexto de crenças patriarcal e por mais inocente que pareça reforça um estereótipo de fragilidade e vulnerabilidade.

Atualmente as mulheres têm conseguido um espaço na sociedade não mais só como mãe ou esposa, mas como dona de si, trabalhadora e sendo a personagem principal de sua própria história com autenticidade. É importante adentrarmos a essa reflexão, por mais difícil que seja aceitar, existe um patriarcado que controla e controlava toda uma sociedade limitando suas crenças, seus comportamentos e suas ações determinando o que era certo ou errado, bom ou ruim, permitido ou não permitido.

A própria história nos leva a refletir acerca das evidências que são apresentadas no artigo, como por exemplo que a mulher sempre foi vista como um papel secundária durante a história da construção da sociedade global, visto que durante a guerra ela foi às fábricas trabalhar devido a escassa mão de obra masculina, porém ao fim da guerra ela retorna ao seu posto de mantenedora de um lar. Sendo sempre sua utilidade colocada em segundo plano.

O acesso ao trabalho durante a guerra para ocupar de forma temporária o posto da mão de obra masculina fez com que a mesma tivesse contato com o poder da liberdade, de se sentir pertencente à sociedade. Esse acontecimento trouxe a todas a vontade de não ser utilizada só na escassez, de não ser mais o estepe, mas sim de ter seu lugar, um papel social muito além de manter um lar ou ser mãe.

Os recortes históricos contribuem para que as mulheres possam se inspirar a sempre lutar pelos seus espaços e direitos, por mais que já tenham conquistado locais jamais sonhados, a luta ainda não acabou. Se libertar da estrutura patriarcal ainda é uma luta atual, estrutura essa que vem sendo reforçada durante os séculos, o papel de não se fazer refém de uma prisão social e a visão de se entender como mulher sem a interferência patriarcal controlando suas vivências.

Muitas das grandes revoluções sociais que aconteceram ao longo da história surgiram através da luta da mulher pelos seus direitos, seu local diante da sociedade e pela sua liberdade. Não deveria haver luta para algo que não só pertence a um gênero, mas sim a toda a humanidade.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, M. P. S. L. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica. **Revista Artemis**, v. 1, p. 64-73, 2004. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/RevistaArtemis/2004/vol1/9.pdf>. Acesso em: 19/04/2023.
- CIMETTA, L. F.; LEÃO, A. M. de C. Os Contos De Fadas: Estratégia Pedagógica para Mitigar Estereótipos Femininos. **Revista InterAção**, v. 44, n. 1, p. 196-209, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/48784>. Acesso em: 25/04/2023.
- PEREIRA, C. M.; DINIZ, N. V.; BEZERRA, T. R. F.; DIAS, M. de J. S. A representação feminina nos contos de fadas: uma análise a partir do conto cinderela. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, v. 4, p. 341-351, 2019. Disponível em: <https://periodicosletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/download/10535/6136>. Acesso em 29/05/2023.
- GAELZER, V.; MOREIRA, R.; LUNARDI, A. M. A.; ZANELLA, G. B. Contos de fada e as mulheres:

ressignificando leituras. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 71670-71687, sep. 2020. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/17202/13986>. Acesso em: 30/05/2023.

LERNER, G. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. **Cultrix**, São Paulo, 2019.

Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=n8OpEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=gerda+lerner&ots=iAKgvYufEt&sig=YxK562icIQVK7QWhlqaHXiTtusQ>. Acesso em: 19/04/2023.

RAGO, M. Trabalho feminino e Sexualidade. *In*: DEL PRIORI, M. **História das Mulheres no Brasil**. Editora Contexto. São Paulo. p. 484-507. 2011.

RAGO, L. M. A colonização da mulher. *In*: DEL PRIORI, M. **Do Cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. - 1985. p. 61 – 116.

REIS, S. C. **O que são Contos de Fadas?** Editora UFPE, Recife (PE) 2014. Disponível

em:https://www.academia.edu/download/38871522/o_que_sao_contos_de_fadas_final.pdf Acesso em: 22/03/2023.

SILVA, G. C. C.; SANTOS, L. M.; TEIXEIRA, L. A.; et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Revista da SBPH**, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2005.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006. Acesso em: 22/02/2023.

SILVA, L. H. A. **O processo de secundarização da força de trabalho feminina na segunda guerra mundial**. ENEP, 2016. Disponível em:

<https://sep.org.br/anais/Trabalhos%20para%20o%20site/Comunicacoes/133.pdf>. Acessado em: 28/02/2023.